

PROFESSOR RESGATA TEXTOS NA ÁUSTRIA

Sylvio Costa

Da equipe do Correio

Paulo de Araújo

Hoje há a televisão e o satélite. Os russos atacam um povoado lá na Chechênia e, não demora muito, as imagens estão ali, dentro da sua sala. No início do século passado, as coisas eram bem diferentes. Em geral, o mundo só chegava ao conhecimento das pessoas por meio dos relatos de viajantes.

Vivia-se o período do Iluminismo. Era cega a crença na racionalidade e na ciência. Curiosos tempos aqueles. A disputa pela supremacia entre os países mais poderosos também se dava no esforço para recolher informações novas sobre lugares ou aspectos desconhecidos do planeta.

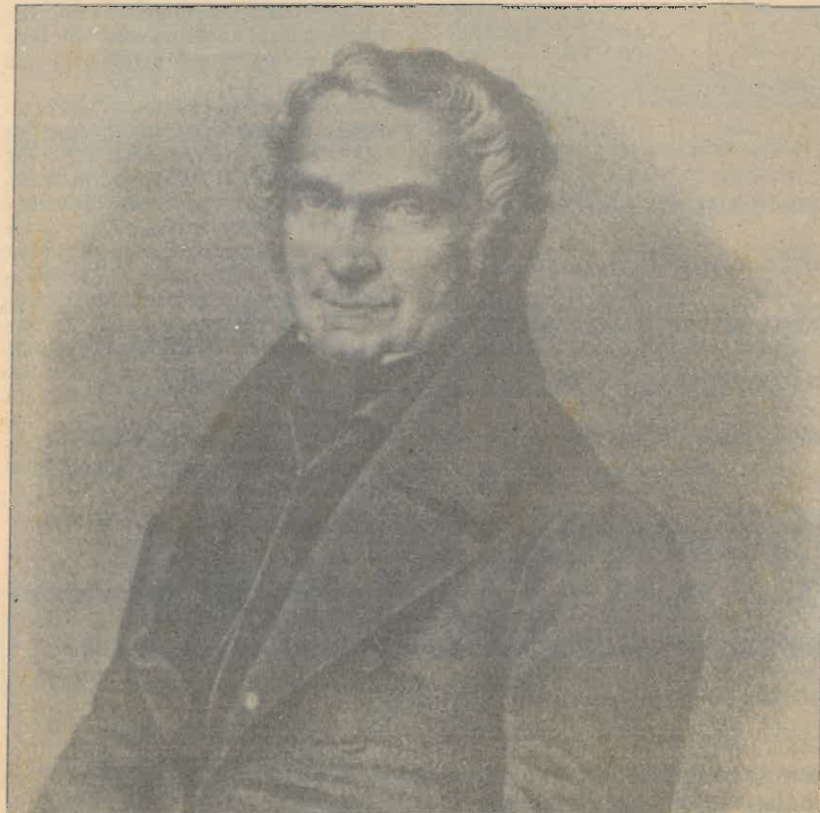
O Brasil, visto então pelos europeus como um paraíso perdido nos trópicos, era um dos principais alvos das atenções dos viajantes. Não eram viajantes comuns. Aqui estiveram, na primeira metade do século XIX, alguns dos mais renomados naturalistas — isto é, especialistas em história natural — da época.

Um deles, o barão Georg Heinrich Von Langsdorff, virou tema de samba-enredo de escola de samba (Estácio de Sá, em 1990). O Brasil foi demais para Langsdorff, um alemão mandado para cá pelo governo russo. Em plena Amazônia, o homem pirou, praticamente encerrando uma brilhante carreira científica.

A divulgação da expedição Langsdorff e de seus resultados deveu-se em grande parte ao trabalho feito no início dos anos 80 por um professor do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB), Marcos



Imagem de índio da tribo Mura, pesquisada pelo austríaco Johan Natterer no século XIX quando esteve no Brasil



Braga. Agora, outro professor da UnB, Victor Leonardi, também do Departamento de História, está liderando um projeto que vai recuperar a contribuição de um viajante tão ilustre quanto desconhecido, o zoólogo austríaco Johan Natterer.

BELAS SURPRESAS

Natterer chegou no Brasil em 1817, junto com um numeroso grupo de cientistas e artistas que a princesa austríaca Leopoldina, que se casaria com D. Pedro I, acrescentou à sua comitiva. Ficou aqui 18 anos. Conheceu

73 grupos indígenas diferentes. Chegou a escrever vários glossários nos quais registrou palavras-chave dos idiomas falados pelos índios.

O que o diferencia dos demais viajantes do século XIX é que ele morreu sem ter publicado coisa alguma. Por uma razão trágica. Morreu pouco depois de ter voltado à Áustria, para onde voltou, em 1835, casado com uma índia Mura. Do seu diário de viagem, teriam restado apenas seis páginas.

Elas estão no Museum Für Volkerkunde (Museu de Etnologia de Viena), junto com 2 mil peças indígenas

e todos os demais manuscritos deixados por Natterer. O valor exato desse material é desconhecido porque a maior parte dos originais jamais foi pesquisada. Uma avaliação preliminar feita em 1988 pelo professor da UnB Amado Cervo leva Victor Leonardi a acreditar que se trata de “um material único para se conhecer a cultura indígena brasileira do século XIX”.

É possível que Natterer tenha feito contato com povos já extintos. É certo que o resgate do material ajudará nações indígenas ainda existen-

tes a conhecerem costumes e tradições dragadas pelo ralo do tempo. “É grande a expectativa”, diz o diretor do Museu Amazônico, Geraldo Pinheiro.

DOCUMENTOS

Os índios Mundurucu (AM), com os quais Natterer viveu, estão entre os que aguardam com ansiedade os resultados do projeto. Como já incorporaram há muito a indumentária e vários costumes do “homem branco”, eles estão loucos para saber como se vestiam e viviam os seus antepassados.

Leonardi, Pinheiro, o fotógrafo Juan Pratginestós e a historiadora Andréa Fenzel embarcaram para Viena na semana passada. Durante 12 dias, eles irão tomar conhecimento de tudo o que existe sobre o Brasil tanto no Museu Für Volkerkunde quanto no Haus-Hog-und-Staatsarchiv (Arquivo do Estado), onde há cerca de 60 mil documentos produzidos por pesquisadores enviados pela Áustria ao Brasil durante o século passado.

A um custo de aproximadamente US\$ 40 mil — bancados pelo governo austríaco, pela Transbrasil e por três empresas austríacas que atuam no Brasil (o banco BBA-CA, a siderúrgica Aço Phoenix-Boehler e a indústria de equipamentos Haas) — o grupo irá fotografar e microfilmar tudo o que encontrar. Com 22 anos de estudo dedicados à Amazônia, o veterano professor Leonardi, 53, resumia como se sentia pouco antes de embarcar: “Vamos em busca do desconhecido, mas acho que vamos ter belas surpresas.”